

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18. n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 196	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$80	1\$900	\$930	\$120	1 DE JUNHO 1884	LISBOA, RUA DO LOBETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42. Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$300	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabaram-se as recitas de Celine Chaumont, o que quer dizer que se acabou um dos espectáculos mais interessantes, mais alegres, mais divertidos que Lisboa tem presenciado.

Aquellas comedias deliciosas de Meilhac e Halevy, em que o espirito mais parisiense scintilla em cada phrase, representadas magistralmente por uns comicos excellentes, eram um verdadeiro encanto: as noites passavam rapidas e deliciosas e a gente sahia do theatro satisfeitissima, cheia de bom humor, como raras vezes se sae d'um espectáculo publico.

E isto fez um successo completo em Lisboa ás sete recitas de Celine Chaumont, successo que não foi só da grande actriz do Palais Royal, que foi tambem e principalmente da *troupe* que a acompanhava.

Celine Chaumont é realmente uma notabilidade no seu genero, na *charge*. Chega ás vezes a ter uma pontinha de genio: creio que não será facil igualal-a na *Cigale* e na *Petite marquise*, e no fim de contas em todo o repertorio burlesco de Meilhac e Halevy, os seus dois auctores predilectos, aquelles cuja *verve* theatral se casa mais com a sua individualidade artistica.

Como dissemos na nossa ultima chronica, não sabemos se a Celine Chaumont que vimos em S. Carlos é exactamente a mesma Celine Chaumont de Paris, não sabemos se no meio parisiense a actriz differe alguma coisa da actriz em *tournee* pelas provincias e pelo estrangeiro; cremos que sim, porque no *Divorçons*, por exemplo, Celine Chaumont modificou muito o jogo de scena do ultimo acto, aconselhada por alguém que temia que o publico de Lisboa se escandalisasse com a embriaguez e as expansões conjugaes muito decotadas de Cyprienne Desprunelles no restaurant com seu marido, mas seja como fór, nós temos que apreciar a Celine Chaumont tal qual a vimos em Lisboa, e além d'isso o principal defeito da afamada artista pouco tem que ver com quaesquer modificações que ella introduza no seu trabalho.

Esse defeito é a falta de variedade nas diferentes creações, é a personalidade da artista a revelar-se em todos os papeis mais oppostos, é os mesmos gestos, as mesmas poses,



SUA Magestade a Rainha D. MARIA PIA DE SAROYA

(Segundo uma photographia de Fillon)

as mesmas expressões, as mesmas caretas — umas caretas que são faladas em Paris, e que a critica parisiense censura constantemente a Celine Chaumont — a reaparecerem sempre em todas as suas creações.

Em Lisboa Celine Chaumont fez apenas tres comedias grandes, *La Cigale*, *Divorçons* e *La petite marquise*. Pois em todas as tres peças vimos sempre a mesma actriz, a mesma individualidade, a mesma creatura.

E como a *Cigale* é, além da peça que mais bem cae dentro do seu feitiço artistico, aquella em que primeiro a vimos e portanto que nos deu a primeira impressão da illustre actriz, no *Divorçons* e na *Petite marquise* nós estivemos quasi sempre vendo a saltimbanca da *Cigale*, o mesmo riso, as mesmas caretas, o mesmo modo de andar de mulher de cavallinhos, coisas que ella faz excellentemente, deliciosamente, mas que são completamente deslocadas n'esses papeis.

Apesar d'esses senões, a Chaumont é uma actriz notavel, e no seu genero uma verdadeira celebridade.

E d'ahi, é possivel que estes defeitos ella os attenuou em Paris pelo cuidado escrupuloso com que alli representa, e que se notem mais n'estas *tournees* pelo estrangeiro, onde a não prendem iguaes receios do publico e da critica.

E o que é verdade, é que mesmo com esses defeitos tomarmos nós sempre tel-a cá, porque esses defeitos são resgatados por uma extraordinaria *verve*, por um real talento que se revela n'um gesto, que deslumbra n'uma phrase.

Chaumont não se preoccupa muito com a grande arte moderna; não se importa nada em ser convencional ou não. O que quer é tirar effectos de tudo: não procura viver os seus personagens, procura fazer rir, e isso consegue-o sempre, muitas vezes com grave escandalo da arte naturalista.

Ao lado de Celine Chaumont veio um artista que parecia talhado a pôr em evidencia os defeitos d'ella.

Era o sr. Didier, um artista excellente, d'uma naturalidade assombrosa, d'uma sobriedade de meios que contrastava singularmente com as *ficelles* da Chaumont.

Em todos os papeis que o vimos fazer, Didier satisfiz-nos plenamente. É perfeitamente o typo do actor comico moderno. Na *Cigale*, no *Divorçons*

e na *Petite marquise*, fez tres papeis comicos e fel-os inteiramente differentes, tres completas creações artisticas.

Não transigindo nunca com a gargalhada, perfeitamente mettido dentro dos seus personagens, correctissimo, cheio de convicção e de simplicidade, Didier é um dos actores comicos mais notaveis que temos visto, e o publico comprehendeu-o logo e applaudiu-o sempre immenso.

A companhia da Chaumont era muito boa, muito completa, e não trazia realmente nenhum artista absolutamente mau.

Didier era com certeza o mais notavel de toda ella, Noblet, o galan, era tambem muito bom e desempenhou com muito talento e muita graça a *Cigale* e a *Petite marquise*, e um actor cujo nome não sabemos muito bem, Jaert cremos, e que nos agradou mediocrementemente no *Desprunelles* do *Divorçons*, teve no Carcassone da *Cigale* uma criação magistral.

Em actrices a *troupe* da Chaumont era evidentemente mais fraca. Não vimos entre ellas nenhuma que se tornasse saliente pelo talento artistico, mas diga-se tambem com justiça que nenhuma d'ellas se tornou saliente por desmanchar o bom conjunto das peças dadas em Lisboa.

O que todas ellas eram, eram sympathicas, bonitas, graciosas, sobretudo madame Chassaing uma belleza de primeira ordem, mesmo nos theatros de Paris, e a Thibault, que era muito gentil e elegante.

Em summa, a companhia agradou muito, os espectaculos foram sempre muito concorridos, a empresa de S. Carlos não se deu mal, administrativamente, com a sua tentativa da *troupe* dramatica franceza, e ainda bem, porque isso pode e deve animar a trazer outras companhias, com o que nós todos ganharemos muito.

Na mesma occasião em que Lisboa estava toda entregue ás recitas da Chaumont, passava pela nossa cidade uma grande celebridade artistica, que já aqui fez grande sensação e que actualmente passou quasi despercebida: a acrobata Leona Dare.

Pela sua excepcional belleza de mulher e pelo seu extraordinario arrojado de artista, Leona Dare tem hoje um nome universal.

De Paris á America não ha ninguem que não conheça Leona Dare, que não tenha repousado cheio de admiração os seus olhos n'aquelle corpo d'uma plastica esplendida, que desafia a mais provocante estatuaria, que não tenha sido fascinado pelo olhar scintillante d'aquelles dois formosos olhos negros, que não tenha sentido as commoções violentas de terror que o seu trabalho arriscadissimo e inesperado provoca a cada momento.

A bella Leona Dare, que deu agora cinco espectaculos no theatro dos Recreios, é mulher d'um dos irmãos Dare, que ha um anno estiveram trabalhando no Colyseu e cunhada d'aquelle Dare coxo que trabalhava no trapezio.

Os esposos Dare estão de ha muito separados, e n'essa separação houve um completo drama de amor, de zelos e de torturas.

Leona casou com o clown Dare na America.

Ella não pensava ainda em agarrar a fortuna com os seus dentes brancos e polidos, em atravessar a vida n'uma corda de circo. Foi seu marido que a lançou n'esse caminho da riqueza, como o falcoeiro lança nos ares o falcão que lhe ha de trazer a sua caça.

Mas Dare, partilhava dos perigos, foi o inventor d'essa gymnastica graciosa e atrevida, que entontecia aquelles que a viam cá debaixo, enquanto elles dois passeavam tranquillamente no espaço.

Elle escreveu em zigzags elegante, o drama aereo que representavam os dois, como diz Arthur Vingtras de quem copiamos esta extranha historia.

Dare construiu tambem o scenario para o seu drama.

Não basta no officio de saltimbanco, jogar a cada instante a sua vida, é preciso jogar a n'um quadro novo, engrinaldar de flores o perigo.

Calculou as commoções que podia dar, e ao mesmo tempo a segurança que podia conservar para Leona. Fez propriamente geometria no espaço, e fel-a com genio, segundo dizem os seus collegas.

Nos seus vôos continuos, marido e mulher tinham ganho no ar, o bastante para construir na terra um ninho tepido e tranquillo, onde descansassem quando os annos lhes fizessem pesar as azas.

Mas um dia o amor de Leona, foi-se como o fumo, e só Dare é que continuou enamorado.

Ella não descerrava já os dentes, senão para o agarrar pela cintura e esbofetear o todas as noites a pretexto de o fazer redemoinhar mais depressa, e elle gritava em inglez, a phrase dos saltimbancoes de Paris:

— Du vinaigre! du vinaigre!

E ella fez-lhe beber vinagre em esponjas ensoçadas a esse Christo vestido de palhaço!

Um bello dia, elle não poude mais, e separaram-se, levando cada um metade dos seus haveres.

Ella levou a sua belleza primorosa de estatua, elle a sua paixão enorme de namorado.

Essa paixão torturava-o.

Começou a seguir Leona por toda a parte, e ella começou a odiar-o com desprezo e com medo, desprezo de mulher que deixou de amar, medo de mulher que se sabe amada ainda.

No circo Oxoford de Londres, Dare apresentou-se para assistir ao espectaculo em que sua mulher trabalhava, como simples espectador. O director do circo mandou-o pôr fóra pela policia.

Tinha-se obrigado a isso no contracto de escriptura de Leona Dare.

O pobre clown pensou então em matar-se! Nos circos riam immenso com elle. Não havia palhaço mais destemido, que desse saltos mais extravagantes e atrevidos.

Pudera! Se elle procurava a morte!

Mas a morte teimou e não veio.

Então, vendo que os saltos mortaes nunca o eram para elle, disparou uma pistola contra o coração.

E a morte continuou a fazer-se rogada.

A ferida cicatrizou, e elle continuou na sua vida de palhaço.

Arthur Vingtras encontrou-o depois d'esse suicidio *manqué* e falou-lhe no seu pungente drama de amor.

— Não a poder ver com d'antes, disse elle, quando ella ao pé de mim trabalhava, com o collo e os braços nus e palpitanes.

— Mas porque não o deixam vel-a?

— Porque tem medo que eu a insulte, e que eu a mate.

— O quê? pensa ás vezes n'isso?

— Não, não, murmurou elle, escondendo nas mãos o rosto ainda meio caído, e de que a outra metade deixava ver que elle mentia.

E continuou a caracterisar-se a enfarinhar a cara mas dos olhos, escorriam por cima do carmin caprichoso das faces pintadas de clown, duas grossas lagrimas.

E d'alli a nada entrava na arena e ria, ria, como os corcodillos choram...

A formosa Leona Dare não fez agora muita sensação em Lisboa. Passou quasi despercebida em cinco recitas no theatro dos Recreios, lá em cima, um theatro condemnado fatalmente pela sua deploravel situação.

E é pena que custe tanto a chegar a esse theatro, porque ás vezes ha alli espectaculos dignos de se verem e agora mesmo lá estão os *Androides*, fantoches nacionaes feitos pelo sr. Chaves, que são realmente primorosos e engraçadissimos.

A esses fantoches sobeja-lhes uma coisa que sobeja tambem a muita gente, o falar. Se esses fantoches não falassem, não cantassem, não representassem aquella magica eram uns fantoches deliciosos e dignos da estima de toda a gente.

O scenario dos *Androides* é esplendido e faz honra ao pincel do scenographo Machado, já costumado a estas glorias.

O theatro da Trindade encontrou por fim um verdadeiro successo e uma verdadeira cantora.

A cantora chama-se Fantony, é franceza, mas fala muito bem o portuguez, é gentil, graciosa, tem voz e talento, sabe cantar e sabe representar a sorte grande para Francisco Palha.

O successo chama-se *Boccacio*, essa adoravel operetta de Suppé, traduzida com immensa graça por Eduardo Garrido, que teve a habilidade de a fazer muito mais alegre que o original, fazendo-a ao mesmo tempo muito mais innocente.

O *Boccacio* subiu pela primeira vez á scena no beneficio do actor Augusto, um dos actores mais queridos do publico pela boa veia comica e pelo seu constante bom humor; e teve um exito enorme, exito para que concorreu o excellentissimo desempenho que teve por todos os artistas da Trindade.

Esteve em Lisboa, de passagem, rapidamente, um dia apenas, um dos mais notaveis e afamados romancistas francezes contemporaneos, nem mais nem menos do que o celebre Julio Verne.

Nós atravessávamos ha dias o Chiado, quando um trem parou ao nosso lado e vimos appear d'elle vindo ao nosso encontro, David Corazzi, e um homem alto, de barba toda, branca e loira, sympathico, uma cara insinuante e jovial.

— O sr. Julio Verne, disse Corazzi, apresentando-nos.

Ficámos susprensos e apertámos cheio

de enthusiasmo a mão que se nos estendia e que tem escripto essa multidão de obras notaveis e interessantissimas, que marcam um novo genero na litteratura do nosso seculo.

Julio Verne é o mais amavel e simples dos homens. Conversámos com elle dez minutos, se tanto, mas foi o bastante para ficar captivado pelo homem, como de ha muito o tinhamos sido pela sua obra. Julio Verne é de uma simplicidade de maneiras, de uma amabilidade sympathica de conversação, que contrasta singularmente com a divinição em que se envolvem quasi todos os escriptores um pouco mais conhecidos da Franca.

N'essa noite, Verne partia com seu irmão, que nos apresentou tambem, para o Mediterraneo a bordo do seu yacht.

Não podiamos deixar de registar aqui, a passagem pela nossa terra, d'esse celebre romancista, com certeza um dos que hoje maior nome tem em todo o mundo que lê.

Temos em Lisboa tambem, a companhia do theatro Baquet do Porto, que está dando uma série de representações no theatro do Principe Real; temos a abertura do Jardim zoologico, temos a abertura do Museu de bellas artes, mas não temos uma linha mais de espaço, sequer.

E addiando estes assumptos para a proxima chronica, consignaremos desde já a recepção do brilhante livro novo de D. Antonio da Costa sobre a instrucção, do interessante livro de Vicente Pindella sobre coisas de Africa, do primoroso jornal a *Italia*, do sr. Luiz Jardim, e os nossos agradecimentos aos seus illustres auctores, pela amabilidade do offercimento.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. M. A RAINHA A. SR.^a D. MARIA PIA

Dando hoje o retrato da augusta rainha de Portugal, o OCCIDENTE presta a homenagem do seu profundo respeito e da sua respeitosa sympathia pela illustre e virtuosa princeza italiana que a boa estrella dos portuguezes collocou em o throno do nosso paiz, e regista ao mesmo tempo essa extraordinaria festa que pelo seu elevado fim, pelo seu excepcional exito, marcou epocha na nossa historia contemporanea: a Kermesse da Ajuda.

O OCCIDENTE teve já ha annos a honra de dar em supplemento um grande retrato de S. M. a Rainha, acompanhando-o então d'um artigo-biographia da gentil soberana.

Hoje não reproduziremos nem renovaremos esse artigo. A biographia da rainha D. Maria Pia está escripta por ella no coração do povo, com as obras de caridade que a tem tornado a mãe dos pobres, o amparo dos que soffrem, a adoração do paiz inteiro.

Todo o perfume de santidade que em torno de si deixou no mundo a rainha Santa Isabel, perfume tão intenso, que tem atravessado a historia até os nossos dias, condensou-se em torno da formosa filha de Victor Manuel, e a caridade refazendo, aos olhos do povo, a lenda que o povo na sua imaginação phantasiada, bordou durante largos seculos em torno da recordação preciosa da rainha santa, deu tambem á esposa do rei D. Luiz a mesma aureola maravilhosa que engrinaldrou a fronte da esposa do rei D. Diniz, e ao passo que a rainha Isabel transformava pão em rosas, a rainha Maria Pia transformou rosas em pão, em pão para os pobres, em pão para as creanças, a caridade d'uma santa, a caridade d'uma mãe!

A KERMESSÉ

Na chronica do nosso ultimo numero, descrevia-se a disposição das barracas da Kermesse, e narrava-se o exito enorme colossal, obtido por essa festa de caridade.

A nossa gravura de hoje representa o aspecto pittoresco d'essa feira real. A descripção minuciosa das barracas e o nome das senhoras que n'ellas vendiam, a relação dos objectos offercidos, a noticia da ornamentação das barracas, e os pormenores acerca da receita colossal, obtida n'esses tres dias de festa, andam feitas em todos os jornaes, e achamos inutil portanto reproduzi-las aqui.

N'esses tres dias de Kermesse calcula-se que entraram na Tapada cerca de 70:000 pessoas.

A festa iniciada pela rainha e coadjuvada pela corte, transformou-se n'uma festa genuinamente popular.

E' que a inspirava uma coisa grande e sublime, que sendo de essencia divina nao conhece essas divisões sociais, feitas pelos homens — a Caridade.

O GENERAL

LUIZ AUGUSTO D'ALMEIDA MACEDO

Subira este brioso, instruido e intelligente militar ao generalato na idade de cincoenta e sete annos, caso hoje raro no nosso exercito, e havia substituido, no commando geral das guardas municipaes, outro valente official, o general Schwabach, tambem relativamente moço e vigoroso, que uma rapida doenca roubára ao exercito seis annos antes, no mesmo mez e com differença apenas de trez dias na data do obito.

Nascera o general Macedo em 1819, e fazendo a sua educação no Real Collegio Militar, completára o curso d'elle em 1836. Frequentára depois as escolas, recentemente organisadas, polytechnica e do exercito, fizera n'ellas o curso do estudo maior, sendo promovido a alferes em 1840, e a tenente em janeiro de 1843, data em que passou ao corpo do estado maior. Por occasião da lucta civil de 1846 a 1847 deu provas de muito valor em varias commissões de serviço, e foi nomeado capitão em abril d'aquelle ultimo anno. Em janeiro de 1852 foi promovido a major, a tenente coronel graduado em setembro de 1855, para o quadro do corpo em julho de 1864, e á effectividade d'elle em abril de 1868. Foi nomeado coronel em abril de 1874 e teve a rara fortuna de ser promovido a general de brigada em janeiro de 1876, com menos de dois annos de exercicio no posto de coronel.

Dois vezes foi honrado com o mandato popular, sendo eleito deputado ás cortes em 1854 e 1878. De genio muito activo, não podiam prendel-o por muito tempo os ocios da patria e foi exercer a sua actividade no extremo oriente, sendo-lhe encarregado o governo da provincia de Solor e Timor, na Oceania. N'essa situação prestou relevantissimos serviços ao paiz. O respeito pelas armas e pelo dominio portuguez estava um pouco perdido entre os indigenas, não sendo estranhas a este estado algumas intrigas estrangeiras. Por mais de uma vez os regulos do interior se haviam rebelado e haviam intentado assaltar a nossa fortaleza de Dilly, capital do governo. Emfim o poderoso rajah D. João Moniz de Mattos, rei de Manumera, reunindo 6:000 homens de forças suas e alliadas, resolveu-se a atacar de vez a nossa colonia e acabar com o dominio portuguez. Avançou com atrevimento, tomou magnificas posições e começou a inquietar a praça. O governador Macedo não hesitou um momento; reúne a guarnição, que estava mal armada e mal municada; divide-a em trez columnas, e á frente d'ella com o major Leão Cabreira avança contra o inimigo. O combate é reñidissimo, mas ao cabo de algumas horas é o genio desalojado das suas posições e posto em completa debandada, salvando-se a custo em desapoderada fuga. O campo ficou coalhado de mortos e feridos e algumas munições e despojos se tomaram.

Este feito de armas restabeleceu a paz na ilha, impoz aos regulos o respeito que haviam perdido pelos portuguezes, e de então para cá, convencidos da inutilidade das suas tentativas, e recordando-se d'aquelle severo castigo, raras vezes tentado levantar cabeça e as submissões e autos de vassalagem succedem-se com frequencia, graças ao arrojo do general Macedo, e á perseverança dos seus successores.

Muitas outras commissões de serviço exerceu o general Macedo, já como ajudante de ordens do duque da Terceira, chefe do estado maior de algumas divisões militares, etc., que sempre desempenhou cabalmente.

Nomeado commandante geral das guardas municipaes a 11 de maio de 1878, exerceu o seu commando com prudencia e accordo em occasões delicadas, e com toda a attenção pelo bem estar e conveniencias dos seus subordinados.

Era ajudante de campo honorario d'el-rei, grã-cruz da ordem militar de S. Bento d'Aviz, commandador da Torre e Espada, e cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição e da Legião de Honra de França.

Havia dois ou trez annos que a saude e vigor do general haviam começado a sentir alteração, e ultimamente um insulto apoplectico que o accommetteu ás 9 horas da noite do dia 5 de maio ultimo, poz termo á sua existencia á 1 hora da madrugada do dia 6, immediato.

Era de pequena estatura, mas de animo arrojado e destemido.

INCENDIO DO QUARTEL DA GRAÇA

Pelas 11 horas da manhã do dia 20 de maio ultimo a cidade foi alvoroçada pela noticia de que estava a arder o quartel da Graça, onde se acha alojado o regimento de infantaria n.º 5.

Effectivamente dentro de pouco tempo, de varios pontos da cidade se viam as labaredas rompendo pelas janellas e telhado do edificio, e grossas nuvens de fumo revolverem-se e dissiparem-se na atmosphera. O vento soprava rigissimo, tornando portanto difficil a extincção do incendio, e causando algumas apprehensões de que elle podesse communicar-se a outros edificios, nomeadamente á igreja contigua de Nossa Senhora da Graça, onde se venera a famosa imagem do Senhor dos Passos.

O fogo appareceu no forro do tecto do alojamento da 3.ª companhia, junto á torre da igreja. Um sargento de infantaria 3, addido ao regimento, e que se achava no seu quarto, foi o primeiro que deu pelo sinistro; sentindo cair sobre a cabeça uma coisa que o escaudou, e não vendo ninguem quando se voltou, naturalmente olhou para cima e percebeu o fumo que sahia pelas frinchas das taboas do forro. Correu logo com um furriel a dar parte do sinistro, dando o alarme no quartel.

Andavam obras no telhado, e supõe-se que ponta de cigarro ou fálha da chaminé da 5.ª companhia seria causa do incendio.

Começou logo o trabalho de salvacão e extincção, ao principio empreendido pelo sr. major Herculano Augusto de Barros e Vasconcellos, que solicitou logo o auxilio da bomba mais proxima, e fazendo recolher ao paiol o cartuxame. O paiol foi logo revestido de um inducto de terra amassada com agua, por ordem do sr. tenente de engenharia Augusto Monteiro de Lima, a fim de evitar que os vinte mil cartuxos que ali se achavam podessem fazer explosão.

O fogo, excitado pelo vento, tomou logo proporções assustadoras, lambendo o madeiramento dos tectos das casernas das 5.ª, 4.ª, 3.ª e 2.ª companhias, e suas arrecadações.

Conjunctas a esta parte estavam as habitações do sr. major, tenente quartel mestre e outros officiaes, sendo os principaes prejudicados o referido major, o sr. capitão Nunes, quartel mestre Palma, e alferes Noronha. Este official não só perdeu todo o pouco que possuia, mas sua consorte sahio para a rua apenas com a roupa de casa, que havia vestido, levando os filhos quasi nus.

Outros officiaes perderam os seus haveres, mas tinham-os seguros.

Foram salvos o archivo do regimento, a bandeira, o archivo do conselho administrativo, e os de quasi todas as companhias. Os artigos de mobilidade, equipamento e armamento, foram em geral salvos, fazendo-se d'elles duas grandes pilhas, uma no meio da parada do quartel, e outra no largo em frente d'elle.

Os soccorros foram promptos e energicos e habilmente dirigidos pelo digno inspector dos incendios o sr. Carlos José Barreiros e seus ajudantes, conseguindo-se localisar o incendio aos lados do norte e nascente, ficando n'esse lado a parte onde estavam as casernas das companhias acima ditas, e a residencia do major e outros officiaes completamente destruida, na extensão de 100 metros, da do nascente onde eram as residencias de alguns officiaes inferiores, casão dos alfaiates, e arrecadações destruido o andar superior, escapando com pequenos prejuizos, o andar inferior por ser abobadado.

Trabalhou todo o pessoal do districto, os bombeiros voluntarios, as bombas do arsenal da marinha, e de bordo, prestando todos optimo serviço na parte que a cada um foi incumbida. Officiaes e soldados, tanto do regimento como do batalhão de engenheiros e de outros corpos trabalharam á porfia na salvacão de varios artigos.

O quartel do regimento de infantaria n.º 5 está hoje estabelecido no antigo convento dos conegos regrantes de Santo Agostinho, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, que desde 1833, pela extincção das ordens religiosas foi destinado para quartel do regimento de infantaria n.º 10, que alli permaneceu durante cerca de quarenta annos, achando-se ainda inscriptos na porta da entrada as acções e combates em que este regimento havia entrado.

Do sitio das Olarias, onde fôra fundado, foi o convento mudado para o do Monte, e d'alli em 1271 para o da Graça, á custa do povo e de D. Affonso III.

Havendo cahido a antiga igreja por effeito de um terramoto, foi feita a nova, cuja primeira pedra, foi lançada a 9 de março de 1556, achando-se a obra concluida em 1565.

Na igreja do convento jaziam os ossos do grande Affonso de Albuquerque, na capella mór, por contracto feito entre seu filho Braz de Albuquerque, cujo nome D. Manuel mudou para Affonso, em honra e memoria do grande homem, e os frades, para ultima morada de sua familia, mediante grossas rendas que lhes concedeu.

Em 1637, porém, os frades cederam a capella aos condes da Ericeira para sepultura do 1.º conde, que falleceu em Madrid em 1635, por se achar desembaraçada dos ossos do grande homem, depois de uma demanda havida entre os primeiros e os herdeiros d'este, e ganha por um d'elles a D. Jorge Manoel d'Albuquerque, mas não se sabe o que este, ou os frades fizeram dos restos mortaes do grande homem.

A recordação, porém, de que alli jazeram ou jazem confundidos, torna aquelle edificio, um lugar de respeito e veneração, para todo o soldado, e todo o cidadão portuguez.

A CATASTROPHE DA PONTE DE ALCUDIA

O valle real de Alcudia, antiga propriedade do patrimonio real de Hespanha, como procedente dos bens da ordem de Calatrava, está situado na provincia de Ciudad Real. É um valle de mais de dez kilometros de amplidão, limitado por duas cordilheiras em uma extensão de mais de 60 kilometros, formando quebradas, montanhas e valles pittorescos, cobertos de vegetação louça e vigorosa. Na epocha das chuvas desprendem-se das fragosidades da serra numerosos arroyos e regatos, como os de Tablillos, a Cabra, Tartaneros e outros, que logo se transformam em pequenos rios. Um d'estes é o Alcudia, que nascendo no porto das Ventillas, dentro do valle do seu nome, corre de norte a oeste por solitario leito, sem banhar povoação alguma, até perder suas aguas e seu nome no rio de Valdeazogues, no termo do povo de Chillon, o qual, por seu turno desagua mais longe, cerca do velho castello de Aznaron, no Guadalmeda, mais caudaloso.

A linha ferrea de Madrid a Ciudad Real e Badajoz passa por este ponto, e a meio do curso do Alcudia, que mede na sua totalidade, uns 25 kilometros, achava-se a ponte, composta de grossos estribos e peões, com tres tramos metalicos, a qual havia sido concluida em 1864.

Eram quasi quatro horas da madrugada de 27 de abril ultimo quando o comboio chegou á ponte. O tempo estava frio; os viajantes com as janellas fechadas, embuçados nos seus paletots, schales ou mantas, dormiam pela maior parte. O comboio levava além d'isso 176 soldados licencoados para a reserva e algumas jaulas com gado. O rio Alcudia que leva quasi sempre uma modestissima corrente, achava-se então, por effeito das chuvas continuadas-engrossado por fórma, que não tinha menos de dois metros de altura de agua no fundo.

O trem caminhava regularmente quando succedeu o sinistro; a machina e o tender chegaram ainda ao terceiro tramo, precipitando-se aquella no fundo do rio, e despedaçando-se o tender no segundo pegão da ponte; dois coches de terceira classe, as jaulas de gado cahiram em seguida, sendo logo cobertas pela agua; outras cinco carruagens, duas de 1.ª e 2.ª classe, e tres de terceira cahiram em seguida, amontoando-se umas sobre outras entre o estribo da ponte e o primeiro pilar; apenas ficou sobre a linha o furgon do couce, por se terem quebrado as cadeias que o ligavam ao carro immediato.

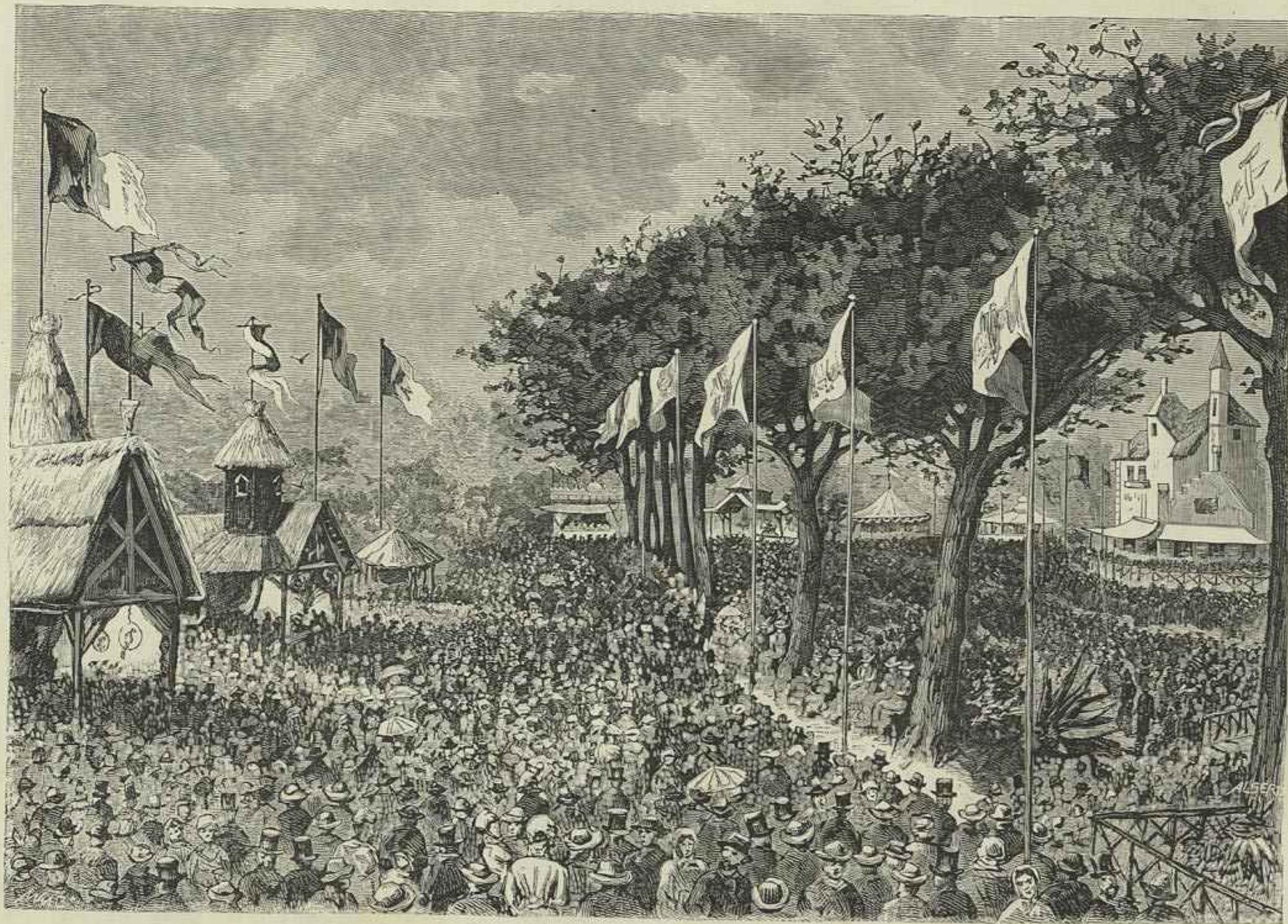
A povoação que teve conhecimento mais cedo do sinistro, foi a de Almaden, onde a triste noticia constou ás sete e meia da manhã; correndo toda áquella ponto, para prestar soccorros.

Distinguuiu-se pelo seu valor, abnegação e arrojo um modesto commerciante d'essa localidade, D. Eduardo Hervás, que entrou cem vezes pouco mais ou menos na agua, e que com o maior heroismo, tirou, elle só, do leito do rio, 52 cadaveres, trazendo nos braços alguns que depanha na margem, segurando outros com cordas, para que os seus patricios os alassem.

O numero exacto das victimas sobe a 59 mortos, sendo d'estes 34 soldados, e a 56 feridos, dos quaes dois gravemente que foram transportados ao hospital de Almaden, e 25 recolhidos caritativamente no povo de Almadanejos.

Esta catastrophe, a maior que tem visto a Hespanha, suscitou logo trinta mil supposições e até se attribuiu a manojos revolucionarios; se tal fosse, o partido que houvesse empregado aquelle meio, não merecia o nome de partido politico, mas sim de partido de assassinos.

Uma commissão foi nomeada para estudar as causas do sinistro; ignoramos o resultado dos seus estudos; o que sabemos é a triste e dolorosa realidade de tão desastroso facto.



A KERMESE NA REAL TAPADA DA AJUDA (Desenho do natural por J. Christino e M. de Macedo)

O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

Em 1726 reinava em Portugal D. João V, havia dezanove annos. Nascido aos 22 de outubro de 1689, tinha sido jurado herdeiro da coroa no 1.º de dezembro de 1697, subira ao throno em 9 de dezembro de 1706, e fôra aclamado com todas as solemnidades do estylo no dia primeiro do anno seguinte, contando apenas dezeseite annos de idade. Era uma formosa creança, até então amimada no regaço das mulheres, segundo refere uma auctoridade insuspeita, o visconde de Santarém, no seu *Quadro Elemental*. O que, porém, não disse o illustre biographo foi que esse ditoso principê passou da mesma fórma o resto dos seus felizes dias, cousa em verdade muito vulgar nas testas coroadas, como se deprehende claramente da seguinte observação de fr. Luiz de Sousa (*Anaes de D. João III, pag. 16*), ao conjecturar as causas do terceiro casamento de D. Manuel: — *ou que fosse algum movimento de carne e sangue, a que todo o homem é sujeito, e a compleição dos reis muito mais que as ordinarias dos outros homens, succedeu o que menos lhe armava para a vida, e mais dammoso era para o estado do seu reino: que foi determinar-se em terceiras bodas.*

N'aquelle anno era, pois, chefe da familia de Bragança o real amigo do amavel e espirituoso ministro dos estrangeiros, Diogo de Mendonça Corte Real, e do corregedor Caetano José da Silva Soutto-Mayor, mais geralmente conhecido pelo *Camões do Rocio*.

Seu pae, D. Pedro II, tivera do primeiro casamento com D. Maria Francisca de Saboia a princeza D. Izabel, fallecida quando já havia sido jurada successora; e do segundo com D. Maria Sophia de Neuburg, filha de Philippe Guilherme, conde eleitor palatino, os seguintes filhos:

- Principe D. João, que viveu poucos dias.
- Principe D. João, depois rei, quinto do nome.
- O infante D. Francisco.
- O infante D. Antonio.



O GENERAL LUIZ AUGUSTO D'ALMEIDA MACEDO
FALLECIDO EM 6 DE MAIO DE 1884 (Segundo uma photographia de Fonseca)

A infanta D. Thereza.
O infante D. Manuel.
A infanta D. Francisca.
O infante D. Francisco era, portanto, filho de D. Pedro II e o irmão mais velho de D. João V. Referem-se cousas horrosas d'esse personagem sinistro. Que era um perverso — que só associava com malleitores e homens perdidos de vicios — que fazia em Queluz orgias monstruosas — que andava de noite pelas ruas da cidade com o seu bando a fazer tumultos e desordens, como era

costume da fidalguia desde o reinado de D. João III, tendo sido até indispensavel uma vez degredar por esse motivo os creados do infante, (1) e, finalmente, que para se exercitar, atirando ao alvo, delectava-se em fazer pontaria aos marujos dos navios surtos no Tejo, e a vel-os depois cair mortos das vergas!

No que, porém, não ha duvida é que todos o temiam na cõrte, e para se provar esta asserção basta citar um facto. D. João V, tendo feito promessa de ir em romaria a Nossa Senhora do Loreto, determinou cumprir-a em 1715. Tencionava partir em 4 de outubro para estar no Loreto pelo Natal, e visitar n'essa occasião a Italia, a Allemanha, a Hollanda, a Inglaterra e a França, demorando-se por lá um anno. Este projecto levantou sérias difficuldades internas e externas. O regente da França mandou ao seu embaixador, o abbade de Mornay, que representasse a el-rei os grandes inconvenientes que podiam resultar de uma ausencia tão longa; o duque de Cadaval fez-lhe tambem saber, pelo cardeal da Cunha, que em conformidade das leis fundamentaes do reino o soberano não devia ausentar-se d'elle sem consentimento expresso das cõrtes; e a rainha, que se achava então no seu estado interessante, mostrou-se summamente desgostosa com a resolução de D. João V, e depois de ter empregado todos os meios para o dissuadir de semelhante proposito, lembrou-se de mover o infante D. Manuel a sair do reino sem licença do rei para o forçar a não seguir um exemplo que elle seria obrigado a desaprovar. O principal receio, porém, da viagem de D. João V, conforme o que o ministro de França communicava ao seu governo, em 20 de outubro, era ficar no reino o infante D. Francisco, o qual podia excitar

aleuamentos na ausencia do irmão.

Tinha artes diabolicas o infante D. Francisco e traças para as fazer vingar. Vendo o rei com tanta frequencia atacado de accidentes que faziam te-

(1) Em 1722 mandou el-rei degredados para a India alguns dos creados do infante D. Francisco, seu irmão, por algumas desordens que haviam feito de noite nas ruas de Lisboa. — *Quad. Elem.*, t. v, intr. pag. cclxxi, nota 1.



O INCENDIO DO QUARTEL D'INFANTERIA 5, NA GRAÇA

mer pela sua vida, de uma vez que elle foi muito doente para a quinta de Azeitão, pertencente ao duque de Aveiro, a mesma em que este foi preso no subsequente reinado e que serviu de casa de custódia aos jesuitas, imaginou, seguindo em parte o exemplo do pae, não tirara seu irmão o reino e a mulher, mas herdar d'elle ambas as cousas ao mesmo tempo. E vai d'ahi, péga de fazer a sua côrte muito galante á cunhada, Marianna de Austria. E a rainha, muito derrotada, a aceitar-lhe a côrte e a gostar das assiduidades do infante; e os cortezos e as fidalgas a cochicharem, a murmurarem, e os embaixadores a pedirem e a buscarem informações, a minutarem officios, a comporem memorias e a expedirem correios, a lidarem, a suarem, para mandar a todo o mundo a noticia d'estas fragilidades, que não raramente têm decidido o destino dos povos. Mas d'esta vez o caso não teve consequencias. É certo que o infante tinha por sua banda o diabo, mas não a Providencia. O rei, sim. Não era muito facil á Providencia esquecer D. João V. Lá estava em Roma o padre santo a lembrar-lh'o constantemente, quotidianamente, em suas apostolicas orações. D. João V, por sua parte, tambem o não largava a elle e aos cardeaes. E este genero de gente parece que já não se contentava com a marmellada e a caqueirada da India ou Indias que o embaixador de Portugal em Roma, D. Pedro de Mascarenhas, pedia a D. João III para lhes offerecer. Pois o lastro das náus portuguezas que tanto a miudo lançavam ancora no porto de Civita Vecchia eram barras d'ouro e diamantes do Brazil!

(Continua)

Alberto Telles.

A EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

A solemnidade do dia 4 de maio de 1884

O facto pertence já á historia. A solemnidade do dia 4 de maio consagrou-o na expressão mais elevada, em honra da agricultura portugueza, a alma mater da riqueza nacional, como eloquentemente lhe chamou no discurso inaugural S. M. El-rei o sr. D. Luiz.

O parque da antiga tapada da Ajuda onde estão levantadas as edificações que constituem a exposição agricola como que parece talhado de molde pela sua situação principalmente, para uma exposição agricola. Dir-se-hia ter sahido, n'um momento de inspiração que enchesse de tons suavissimos, de jorros de luz, e de cambiantes caprichosos mas sempre harmonicos, da palheta vigorosa do mais arrojado artista. Um mimo, um sorriso, um hymno saudando a paz, o trabalho, a patria e a civilização.

A Suissa e o Bosphoro tem n'este panorama uns traços que os lembram de certo. Mas a luz d'elle desanuveada das sombras, que toldam o ceu das regiões alpestres, reflectida nos marmores de uma das fachadas da cidade, que o Tejo acaricia na sua onda rumurosa, ou parecendo afogueada no

crestado das ameias da fortaleza que domina a praia do Rastulo, é bem mais formosa talvez, na propria belleza que anima, nos tons variadissimos em que tão graciosamente se distribue.

A meia encosta, dominando o bairro fabril, annunciando-se ao mesmo tempo ao navegante logo desde o ante-porto, o palacio da exposição agricola lembra o Trocadero, na sua galeria de curva elliptica e pelas suas tres cupulas.

Da varanda, que defronta o amplo estuario do Tejo, e liga as diferentes escadarias do pavilhão Central, ou dos terraços situados nas extremidades d'elle, desenrola-se aquelle panorama que mal descrevemos. De qualquer d'estes pontos, vê-se surgindo por entre o arvoredo as diferentes installações que constituem a Exposição Agricola, e que vamos indicar depois de vermos rapidamente o pavilhão central.

Estão n'elle installados os productos enviados á commissão executiva pelos diferentes districtos do Reino. Expostos em *etajéres* collocados ao longo das curvas da galeria; ou formando a ornamentação central, mais ou menos graciosa, apresentam sob a côr variegada dos pendões que se desenrolam do tecto, ou no conjunto das decorações lateraes, um aspecto de agradável effeito. A parte central do edificio é propriamente a exposição vinicola. De um e outro lado de um pequeno lago circular occulto sob um tufo de plantas exóticas, levanta-se um pavilhão formado de garrafas, e uma pyramide em que se lê o nome do sr. visconde da Ribeira Brava.

Os vinicultores mais distinctos, da Madeira, e do Porto, estão brilhantemente representados n'este ponto.

Os serviços agronomicos do districto de Lisboa occupam a parte oriental do Pavilhão. Na parte occidental as casas editoras de Lisboa, de David Corazzi & C., Lallemand Frères e outros accusam que se lê, e que se estuda no paiz.

Saindo do pavilhão pela escadaria occidental podemos ver um anexo, no estylo gracioso dos *Chalets* suissos, e no qual está estabulado o gado cavallar, que, á primeira exposição de gados, mandou S. A. o sr. infante D. Augusto.

Está tambem n'este anexo, parte do gado cavallar, com que concorreram a este certamen os srs. Reynolds de Estremoz.

Ao lado d'este anexo está situada uma pocilga de fórma circular, rusticamente coberta por um tecto de colmo.

Descendo a encosta, encontra-se o pavilhão do districto de Beja, do qual são dependencia umas *malhadas* para gado ovino e caprino. No pavilhão, estão expostos os vinhos, já fumosos de Vedigueira, de Cuba, etc. os azeites de Moura e de outros concelhos, as lãs, os lacticivos, os trigos, e finalmente o estudo economico agricola representado em mappa com que o sr. Gerardo Pery e Pedro Victor da Costa Sequeira inauguravam os trabalhos da estatística da terra ou da propriedade rural.

Contiguos a esta installação, podemos notar os cercos do gado manadio. Um traço, pouco vigoroso ainda assim, do que ha-de ter encontrado quem tenha percorrido os campos de Portugal, e onde a

creação dos gados pôde fornecer ao artista a inspiração d'aquelles quadros que temos admirado nos esplendidos trabalhos de Carlos Relvas.

Vamos seguindo pela orla da encosta, notando uma modesta installação da industria ceramica.

Ao longo d'esta rua do parque, depara-se logo depois a Exposição Official agricola e florestal.

As mattas nacionaes — a quinta regional de Cintra e o Instituto geral de Agricultura, estão como entrelaçados no interior do Pavilhão destinado a esta Exposição.

e. attrahente pela sua disposição methodica e ao mesmo tempo graciosa. Em presença d'este conjunto, sente-se a impressão agradável que sempre actua sobre o espirito quando se depara com as revelações da intellectualidade levantada pelo proprio esforço até á comprehensão do valor do mundo physico e das forças que o trabalham.

Os estudos geologicos que se notam encorporados n'esta exposição completam-n'a admiravelmente, pela sua importancia, e pela cuidadosa demonstração do seu valor.

Analysada parcialmente, esta exposição pôde julgar-se menos completa de que seria se mais amplo fóra o Pavilhão em que está installada. No entanto desde a exposição dos estudos geologicos até ao que constitue a exploração do solo aravel, as sciencias agronomicas não deixam de afirmar n'este logar eloquentemente, a sua alta utilidade economica.

Agrupam-se em torno da exposição official os seguintes annexos. O que contém a machina que prepara a planta textil denominada *ortiga branca* — o colmeiro, — e dois estabulos circulares, que dão abrigo ao gado cavallar da caudalaria viveiro da quinta regional da Cintra, ao gado bovino, tão importante no quadro da economia rural do paiz.

Seguem depois as installações do ex.^{mo} sr. F. S. Margiochi. A miniatura da exploração rural do distincto agronomo e opulento agricultor denomina-se «Monte das Flores».

A verdade agricola é, além de um notavel caracteristico d'estas installações, prova de quanto vale a boa comprehensão do que seja para o progresso da nossa economia rural uma exposição agricola.

Nem mais nem menos do que em si mesmo vale a exploração rural, tal é a maneira como se deve apresentar n'estes certamens, a agricultura que se reconhece valiosa n'um paiz essencialmente agricola como o nosso.

Por isso teem agradado e merecido applauso as installações a que nos referimos n'estas palavras.

A mechanica applicada á agricultura fecha o itinerario que temos seguido. Os seus productos são pelo geral d'elles mais um tributo que nós pagamos á industria estrangeira. Bom é, porém, que elles tenham sido introduzidos no paiz, a fim de que possamos lutar, pelo valioso auxilio que elles representam, contra a concorrência a que dão muitas vezes novo vigor.

Dois importadores de machinas agricolas — a Empreza Commercial Industrial Agricola e o sr. Carlos Figari — apresentam uma parte da moderna alfaiá agricola, que nós conhecemos, e alguns apperellos industriaes, nas installações, que formam um lado importante do quadro da exposição agricola. Proximo d'elles, e n'um anexo dependente das edificações officiaes, expoz um industrial portuguez, o sr. Xavier, as machinas agricolas de producção nacional, e outros artefactos da

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 194)

IV

Os parentes pobres

Gilberto n'essas occasões tomava umas attitudes imponentes, cheias de uma magestade respeitosa.

— Isso não é nada, isso não é nada

Tratava-se geralmente de um gallo na testa, um pequeno *hache* curavel ao contacto de um simples beijo, e quando muito de alguma ligeira arranhadura quasi sempre, salvo seja, no nariz.

Os cumplices averiguados convictos e conhecidos, d'estes pequenos delictos, eram sempre por via de regra os filhos de algum dos parentes pobres.

Eles é que de ordinario levantavam a feira e desmanchavam a festa.

Costados! que não havia mal que lhes não puzessem, pois apezar de creanças dir-se-hia que tinham bem a consciencia da sua inferioridade, porque nem se atreviam a contrariar a vontade dos primos ricos, nem a tocá-lhes com um dedo.

O olhar d'elles era respeitoso sempre, e o traço pobresinho e ás vezes divertido.

Alguns chegavam a ser exóticos.

O filho do sr. João era muito esgalgado; tinha um pescoço alto de fórma circular á maneira de pato ganço; o menino Francisco mostrava umas ore-

lhas descommunes de que não havia memoria, verdadeiramente umas orelhas de onagro; o Joséito, esse era vesgo, de um estrabismo que fazia afflicção.

— O' filho! tu sempre és muito... não podes fazer carreira direita, dizem-lhe com certa repugnancia desprezadora.

N'este ponto os pobres levam de vantagem aos ricos não carecerem de espelho para conhecerem os seus defeitos, porque lhe são apontados por todos, e ninguem se peja de lh'os atirar á cara, bem desnudados e bem repugnantes.

Aquelles filhos dos parentes pobres em casa de Gilberto contrastavam de uma maneira triste e acanhada com a prole numerosa do feliz amphitrião.

Trajavam, é verdade, os seus fatos domingueiros, mas já muito no fio, embora escovadinhos e lavados, não desdizendo do arranjo das mães.

O Jozesito usava uma ópa comprida feita de um casaco velho de Gilberto, e sobre a ópa em redor do pescoço uma coisa branca que mais parecia uma romeira que uns collarinhos á mamã como então era de uso.

O Francisquinho trazia o seu fato de ha tres annos, e ia crescendo e desenvolvendo-se dentro d'elle como a ostra na casca.

O pae regalava-se de o ver, e a mãe folgava de que toda a gente notasse como seu filho crescia a olhos vistos e soubesse quantas vezes ella havia sido obrigada por esse facto a deitar-lhe abaixo a bainha das calças e do casquinho.

Aquillo era faina certa de mez a mez.

De dia para dia estava a fazer differença o menino. Benza-o Deus. Se fosse por aquelle crescer dentro em pouco chegava ás nuvens, então adeus casaco e calças que não havia bainhas para tanto.

D. Perpetua chamava-lhe latagão, e experimentava ao vel-o uma certa repugnancia a que não era alheio o sentimento da inveja em razão dos

industria do ferro. É para louvar a iniciativa que a modesta exposição d'este industrial nos revela.

Do ponto onde nos encontramos avista-se, situadas na encosta do parque, e no alto da empenha, duas installações mais: A primeira d'ellas é a exposição das aves domesticas; a segunda, que se encontra a certa distancia do terraço oriental, do pavilhão central, é, ainda no estylo dos chalets suissos, como o estabulo que encontramos do lado opposto, a arribana.

O gado bovino d'algumas raças portuguezas, tão notaveis pelas suas valiosas aptidões, e o das raças estrangeiras que importamos com o fim de as melhorar, segundo as opiniões mais auctorizadas, encontra-se estabulado n'este annexo.

N'uma breve noticia, eis o que podemos dizer sobre o que constitue a actual exposição agricola.

Se representa bem ou mal o Portugal agricola, não cabe dizel-o talvez n'um artigo em que tão rapidamente tratamos do assumpto.

A exposição agricola de Lisboa ha de ter sido já apreciada e analysada sob aspectos muito differentes uns dos outros.

É certo, porém, que, com todos os senões que lhe encontramos, e dos quaes n'este momento não indagamos as causas, que devem ter sido muitas e diversas, ella é uma iniciativa que nos cumpre, na alta justiça da nossa opinião imparcial, applaudir vivamente.

Basta que ella seja estímulo a futuros empreendimentos da mesma ordem para que consideremos notavel o facto cuja data inscrevemos hoje, n'uma viva aspiração de progresso, nas paginas do OCCIDENTE.

Julio Borges.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

(Continuado do n.º 194)

De 1720 a 1724 temos o padre Bartholomeu Lourenço occupado nos trabalhos da nova academia, discutindo e procurando satisfazer aos novos encargos contrahidos perante aquelle sabio instituto, e das perguntas feitas por elle e opiniões varias vezes manifestadas, mostra-se que o seu criterio em assumptos historicos devia ser sufficientemente seguro, attendendo ao tempo e meio em que vivia.

Com estas funcções accumulavam-se as da predica, que sabemos exercia largamente, as da direcção e direcção de varios negocios e dos mais arduos da republica, para o que lhe davam toda a aptidão os seus vastos conhecimentos de direito, e ainda os inglorios e enfadonhos encargos de descobrimento e interpretação das cifras da correspondencia dos diversos Estados e de alguns particulares, trabalho que lhe devia roubar não pouco tempo, e causar infinito fastio. Admira, porém, que no meio de tão complicadas e discordantes occupações, um espirito que parecia nascido para as

sizadas applicações da physica e mathematica, achasse ainda tempo para se entregar a ellas, muito mais, se considerarmos que Bartholomeu Lourenço não desprezava as graças feminis, e que ia desenfadar-se, das etiquetas da corte e dissabores de negocios publicos, nos locutorios de Sant'Anna, se não em sitio onde a apaixonada Soror Paula, desejava que um veu os encobrisse, ás vistas profanas da curiosidade maliciosa.

D'este ultimo e curto periodo são as tentativas da fabricação do carvão de terra, e da invenção do machinismo para os moinhos de rodizio poderam moer muito mais com a mesma quantidade de agua que atraz mencionámos.

Vê-se que as condições em que Bartholomeu Lourenço viveu desde as suas primeiras experiencias de aerostatica em 1709 até 1724, em que por uma fatalidade foi extinguir-se no hospital de Toledo, lhe não deram muita folga para se entregar á resolução do problema que elle tinha delineado na sua fantasia, e que, como já dissemos e resalta do seu requerimento e carta de privilegio, comprehendia não só o meio de poder elevar-se na atmosphera, mas ainda o de poder guiar-se n'ella, segundo o desejo do aeronauta. Ao espirito claro de Bartholomeu Lourenço, offerencia-se como possível a resolução do problema, quando comparava os dois fluidos da agua e do ar; a sua razão lhe dizia que assim como se navega pela agua, se deveria tambem navegar pelo ar. A differença da densidade dos dois fluidos devia determinar a differença dos aparelhos empregados, mas isso não destrua a sua idéa primaria, a possibilidade.

Os contemporaneos em escassissimas noticias manuscritas nos deixaram consignada a memoria do invento do padre Bartholomeu Lourenço, ao passo que em obras publicadas no estrangeiro se conservou a affirmação do facto, por modo que d'elle se não pôde duvidar. A necessidade de encobrir ao publico ignorante, e até aos homens instruidos, os meios de que se servia para resolver o problema, fez com que, segundo o velho costume portuguez, as poucas memorias se fossem diluindo e muito mais com o grande desastre do terremoto de 1755, de modo que, quando Francisco Freire de Carvalho, com um nobre e patriótico empenho tentou reunir os elementos necessarios, para revindicar para a nação portugueza a honra que os francezes querem attribuir só e exclusivamente aos seus Montgblifiers, se visse extremamente contrariado, e conseguisse ao fim de largo tempo e improprio trabalho, reunir apenas os documentos officiaes referentes ao assumpto, e as breves noticias que fazem o fundo da sua *Memoria* apresentada á Academia Real das Sciencias em 1843. Novos additamentos apresentados pelo mesmo escriptor e pelo padre Recreio vieram addicionar-se a esse fundo para que Innocencio da Silva tambem deu algumas indicações no seu Dicionario Bibliographico. O mallogrado dr. Augusto Philippe Simões, achando novos e importantes subsidios nas preciosas bibliothecas de Evora e da Universidade de Coimbra publicou uma série de artigos no *Instituto* d'esta ultima cidade de 1860 a 1861, e encontrando depois ainda novos subsidios, deu nova forma áquella série de artigos, publicando em folheto em 1868 um importante trabalho *A invenção dos aerostatos revindicada*, de que atraz falámos e cuja posse devemos á sua affectuosa obsequiosidade.

Continúa)

Brito Rebello.

RESENHA NOTICIOSA

JARDIM ZOOLOGICO DE ACCLIMAÇÃO. Realizou-se no dia 28 a abertura e inauguração d'este novo estabelecimento scientifico, creado por uma associação de homens dedicados ao progresso do paiz coadjuvados pelo bizarro offercimento da rica proprietaria a ex.ª sr.ª D. Maria das Dores de Almeida Pinto (viuva do abastado proprietario José Maria Eugenio de Almeida), e de seu segundo marido o capitalista e antigo deputado da nação, João Antonio Pinto que pozeram á disposição da sociedade, para esse effeito, a sua vasta quinta ou parque de S. Sebastião da Pedreira. Effectivamente não se poderia dentro e junto de Lisboa achar local mais apropriado para semelhante fim, pela sua vastidão, posição, arvorejamento e outras condições que particularmente o recommendam. A salubridade do sitio, o bom ar que alli se respira, o fresco que ainda nas horas mais quentes do dia se goza por baixo das ramas espessas das arvores; a pouca accidentação do terreno, e suave declive que nada fatiga, estão convidando a população de Lisboa a concorrer áquelle bello estabelecimento, que serve de instrucção e recreio. Seus magistades el-rei o sr. D. Luiz e seu augusto Paiz, o sr. D. Fernando, e sua alteza o principe real e infante D. Alfonso honraram com a sua presença aquella inauguração. Muitas damas da nossa primeira sociedade, homens de sciencias e de letras, e muitos outros de reconhecida intelligencia foram animar aquelle recinto com a sua presença, e avaliar quanto tem trabalhado a illustre commissão directora, para em tão pouco tempo, poder apresentar ao publico intelligente o nucleo tão promettedor de um notavel estabelecimento, que tanta falta fazia na nossa capital. Segundo ouvimos as entradas regularam por 2600, o que é consideravel para Lisboa, se attendermos a que é necessario ir de trem ou em char-a-bancs, e que está aberta ainda a *Exposição agricola*, que excita em todos um interesse de primeira ordem. Apesar de ser a concorrência regular, parecia pouca em relação á vastidão do parque, apoucando-se porém já aqui, já alli, onde a sua curiosidade era excitada por estes ou aquelles animaes. Não podemos precisar tudo que vimos, nem por ordem, mas notamos alguns exemplares magnificos de animaes indigenas ou exóticos taes como um magnifico casal de cães dinamarquezes, de côr de pelle e fôrmas bellissimas; um casal de ursos pretos, um casal de teixugos soberbos, um porco espinho, javalis, uma girafa, rangifers, uma collecção variada de macacos, outras de aves aquaticas, etc. Tudo se acha bem installado. Não pôde por em quanto o jardim satisfizer a curiosidade dos exigentes, mas encerra já bastante variedade de exemplares, especialmente de algumas especies, e cada dia irá recebendo novos, que irão completando quanto possível as varias collecções. Damos pois os parabens á commissão, á cidade de Lisboa e ao paiz por tão importante melhoramento, que se não pôde ainda, como é obvio, ser comparado a nenhum dos das grandes nações da Europa, confiamos na vontade dos seus organisadores, e nas condições especies do paiz, que em poucos annos elle terá attingido

seus filhos serem todos franzinos e não se desenvolverem tanto, de uma maneira tão precoce e tão robusta.

«Bem pôdes crescer filho para aguentares com essas orelhas.»

E o tragalhadanças do Antunes que muitos affirmavam ser uma creança desenhovalhada, que nada tinha que se deitasse fora?

D. Perpetua não lhe achava essas *coisas de boniteza*, era uma cara deslavada que afinal só mettia vista de longe.

De perto nem por isso. As feições eram incorrectas. Tinha o nariz do pae, um nariz de arara. No mais era a mãe por uma pena, e a mãe nunca fora bonita. Tinha uma bocca muito grande, uns olhos de carneiro mal morto, emfim não sabia por onde lhe pegavam.

Gilberto não se occupava d'estas bagatelas, e ás vezes mostrava-se enfadado de ouvir discutir feições e apontar defeitos.

— Cada um é como Deus o fez.

Com os sobrinhos só era inexoravel no tocante a diabruras.

Lá isso é que não perdoava por causa dos filhos, garotices é que não consentia em sua casa.

Nada, porque as creanças tomavam sempre de preferencia os maus costumes, e isto de gente pobre no tocante a educação dos filhos, era na sua opinião de um desleixo imperdoavel: deixavam andar os filhos pela rua sósinhos, mandavam-nos á tenda e á taberna, conversavam diante d'elles sem recato, e até ás vezes proferiam palavras que de ordinario elles reptiam inconscientemente, melhor que o Padre Nosso; por isso quando lá ia a parentela pobre e levava os rapazes, mandava-os vigiar logo pelas creanças, para que não ensinassem maus costumes aos meninos, para que não os contaminassem da lepra da maldade que já traziam no corpo.

E ellas cheias de um grande zelo assim o faziam, e estavam sempre a reprehendel-os:

— Menino isso não se diz.

— Então menino acomode-se, que vou fazer queixa ao senhor.

De sorte que os pobres rapazes tinham até medo de falar em casa do papá Gilberto, sendo por isso alguns objectos de censura das pessoas crescidas.

— Esta creança é muda?

— Ai! que monosito!

— Tu não falas rapaz?

Ao que os paes acudiam:

— Fala por sete, mas é lá em casa: nada pára com elle, é muito mau.

— Puxe-lhe as orelhas, não tem lá um bom vergalho! assim é que se ensinam.

Isto era sempre a resposta do papá Gilberto, resposta a que chamava a sua receita, mas que a exemplo de muitos curandeiros de larga clientella, só applicava aos doentes alheios.

Elles coitados haviam de dizer boas coisas; se cada um antes de sair de casa ouvia dos paes um sermão extenso, para que se portasse bem, e fizesse a vontade aos meninos, e estivesse quieto, e não fizesse bulha, não mettesse a mão no prato, e nem a mais feliz memoria seria capaz de reter tão longo e variado estendal de preceitos e advertencias!

Ora as pobres creanças ás vezes esqueciam-se, a mocidade estava a provocal-os, era um fervor de sangue irresistivel, e faziam alguma das suas!

Mas ao recolher a casa é que as contas se ajustavam, pagando de vez juros e capital...

Se não fossem as mães, alguns d'elles ficavam nas mãos dos paes, não obstante serem já uns armazens de pancada e estarem á prova de pelle de um tambor.

(Continúa)

Leite Bastos.



A CATASTROPHE DA PONTE DE ALCUDIA

logar muito distincto entre todos os conhecidos.

CABO SUBMARINO PELOS AÇORES. Como se sabe foi auctorisado o governo ao estabelecimento de um cabo submarino entre Lisboa e a America pela ilha de S. Miguel, e a concessão fôra adjudicada ao sr. Braun, mas ultimamente foi permittida a transferencia dos direitos d'este cavalheiro para uma companhia ingleza e americana. Segundo as condições da adjudicação a primeira secção d'este cabo, entre Lisboa e S. Miguel deve estar concluida em setembro do corrente anno. É caso de nos felicitar e comnosco os habitantes de S. Miguel, e oxalá possamos dentro de algum tempo felicitar os habitantes das outras ilhas dos Açores, por estarem ligados entre si pelo mesmo meio.

ESTATUA DE VIOLET-LE-DUC. O notavel architecto francez, fallecido ha poucos annos acaba de receber a consagração publica devida ao seu grande merito. No portal da capella do palacio de Pierrefonds, uma das suas creações, foi-lhe erigida uma estatua, que fica encostada á pilastra media do portal, similhantemente á posição que occupa a do infante D. Henrique, no portal da igreja dos Jeronymos em Belem. A estatua, que é uma obra notavel, é devida ao cinzel do sr. Hiolin.

COLLECCÃO DE MANUSCRITOS. Os periodicos de Roma noticiam que o professor Pascoal Villari fizera aquisição, em Londres e por ordem do governo italiano da famosa colleccão de manuscritos italianos da bibliotheca de lord Ashburnham. Esta colleccão que se compõe de mais de dois mil manuscritos é da mais alta importancia para a historia e litteratura de Italia. Nota-se entre outros, alguns manuscritos da *Divina Comedia* do Dante, que poderão ser de alguma utilidade para futuras edições. O contrato da compra será submettido brevemente á apreciação do parlamento, cuja approvação é sabida. Entre nós, não só os governos não mandam comprar fóra manuscritos portuguezes, mas deixam vender para fóra do paiz os que apparecem á venda em Portugal, e não sabemos se os parlamentos approvaram de boa vontade qualquer despeza d'essa natureza.

ANNIVERSARIO DE FLORIAN. O sr. Fabre des Essarts, poeta muito conhecido, auctor de uma nova colleccão de poesias sob o titulo de *Humanidade*, actualmente em via de publicação, acaba de alcançar o premio que a cidade de Sceaux concede cada anno á melhor peça de versos relativa a Florian. A poesia de Fabre des Essarts foi recitada domingo 25 de maio ultimo, junto ao tumulo do notavel escriptor francez, por um dos irmãos Lionnet.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A SETTA, revista litteraria e scientifica. Redactores, Julio de Freitas, Gomes da Silva e João Mendes; colaboradores, distinctos academicos portuguezes. É o n.º 1, e contem artigos litterarios e scientificos.

LE PORTUGAL ET LA FRANCE AU CONGO, par un ancien diplomate. Paris. E. Dentu, libraire—éditeur. . . 1884. 8.º de 70 paginas. — Quando varios homens publicos de diversos Estados, varios periodicos de diversas nações e algumas corporações estrangeiras, movidos principalmente por vistas interesseiras, e animados por aquella ousadia que dá a ignorancia dos factos de que se trata, tem levantado uma certa celeuma perante o mundo civilisado, contra o tratado celebrado entre os governos portuguez e inglez, com relação ao dominio do Zaire ou Congo, satisfaz perfeitamente o nosso espirito ver como homens desinteressados, tem procurado esclarecer a opinião publica, sobre tão importante questão, mostrando não só os direitos incontestaveis de Portugal sobre os territorios aludidos, mas e principalmente que a acção e dominio de Portugal, sobre os povos africanos tem sido sempre, contra o que propalam alguns traficantes disfarçados, mais benéfica e civilisadora do que a da maior parte das nações civilisadas, que com elles entraram em relações. O opusculo de que tratamos, em poucas paginas, com uma concisão mathematica e uma logica clarissima e rigorosa desfaz todos os argumentos que se tem deduzido contra o tratado, e apresenta, contra as opiniões desfavoraveis que mais se tem pretendido espalhar na Europa, outras de alguns individuos muitissimo auctorisados, que tem desmentido aquellas, perante as suas respectivas nações, no seio das proprias sociedades onde a questão tem sido suscitada e até em obras conhecidas de todos; e prova finalmente que se uma ou outra camara de commercio tem representado contra o tratado, com fundamento de supposta falta de garantias n'elle, outras se tem escusado a fazel-o, por isso que o tratado garante todos os direitos e liberdades, como os gritadores e difamadores encartados e por encartar poderiam saber, se tivessem lido os artigos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º do tratado, e ainda outros. Nós repetimos, não julgamos o tratado um primor, julgamos até que com mais alguma habilidade, finura e tempo, se teria podido conseguir mais, mas julgamos tambem que no estado actual das questões africanas, e com a urgencia com que era mister terminar esta pendencia, se

fez o mais que se poudes; e por isso lemos com prazer todos os escriptos que homens competentes, como o auctor do opusculo, lançam ao publico em demonstração da nossa justica.

LIBERTAÇÃO DA PROVINCIA DO CEARÁ. Discurso do presidente da provincia. Editoriaes e noticias do Cearense. 1884. Fortaleza. Typ. do Cearense. — Rua Formosa n.º 88. — 8.º de 23 paginas. Este opusculo onde se acham reunidos alguns artigos publicados no *Cearense*, por occasião da completa emancipação dos escravos da provincia do Ceará, discurso do presidente da provincia por occasião de se levar a effeito esse facto, e felicitações de auctoridades e associações, é o remate de tão glorioso acontecimento.

LA BOLSA, EL COMMERIO Y LAS SOCIEDADES MERCANTILES. por Don José Montero y Vidal, jefe de negociado del ministerio de Fomento. — Tercera edicion, corregida y notablemente augmentada. Madrid, Tip. del Asilo de Huérfanos del Sagrado Coraçon de Jesus, Atocha, 68. 1883. — 8.º de xv — 262 paginas. Neste opusculo acha-se compendiado, com concisão, clareza e perfeito conhecimento do assumpto, tudo o que se refere á bolsa, ao commercio e ás sociedades mercantis, incluindo a legislação respectiva e varias decisões dos tribunales hespanhoes, enriquecido no fim com um apendice, composto de diversos mappas, onde se inclui uma lista: dos agentes de cambio e bolsa, corretores e interpretes de todas as praças mercantis e alfandegas maritimas de Hespanha; outra das sociedades estrangeiras que, por auctorisação legal, funcionam no paiz visinho; outra das companhias de caminhos de ferro, com a designação das respectivas linhas e sua extensão kilometrica, com um mappa do numero de kilometros abertos á exploração publica desde 1848 até hoje, e outro das emissões de obrigações hypothecarias auctorisadas pelo ministerio do fomento desde maio de 1877. — Como se vé é uma obra de muita noticia e que serve a todo o momento para util consulta.

ERRATA IMPORTANTE

Na biographia de Henrique Pousão, publicada no n.º 193 d'este jornal saíram duas inexactões que cumpre rectificar. O mallogrado artista falleceu em Villa Viçosa, e não em Odeira, dando se esse triste acontecimento no dia 27 de março, e não em 20 como se referiu.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA